— CADA NUMERO CONTÊM UMA OBRA COMPLETA —

A NOVELLA POPULAR · N.º 184

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

Os envenenadores de opio

EDITOR-PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMPLEMENTO DA EMPREZA LUSITANA EDITORA
C. DO FERREGIAL, 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO 60 REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

wlm 85-169235

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

A mas notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

1 Viriato, o heroe luso
2 Roma na Lusitania
3 Os barbaros do Norte
4 A Invasão dos Arabes
5 Fundação de Portugal
6 O cerco de Guimarães
7 Egas Moniz
8 Conquista de Lisboa
9 Giraldo Sempavôr
10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
11 Tomada de Alcacer
12 Rainha D. Mécia
13 O Bolonhez
14 O rei trovador
15 Rainha Santa Izabel
16 A Batalha do Salado
17 Ignez de Castro
18 Vingança de Rei.
19 A Rainha Adultera
20 Maria Telles
21 Mestre d'Aviz
22 Padeira d'Aljubarrota
23 O Barbadão
24 O Magriço ou os Doze de Inglaterra
25 Os Tripeiros. (Tomada de Ceuta
26 Descobrimento da Madeira
27 O Alfageme de Sant rem
28 O monarcha eloquente
29 A traição de Alfarrobeira
30 Escola de Sagres
31 A Beltraneja
32 Conspiração dos nobres
33 Rei Venturoso

A seguir:

34 Expulsão dos infieis
35 Vasco da Gama
36 A matança dos christãos novos.
37 O Brazil.
38 O Primeiro Vice-Rei.
39 A Conquista de Goa.
40 O Inquisidor.

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia 300
Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos 300
III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. 300
IV (o ultimo volume) Tempos modernos..... 300

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionaes do incomparavel detective

100 RS. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA RS. 100

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercalladas
no texto

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por ediçoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I—Ditoso lar, *por Marcel Prévost*
II—Aphrodite, *por Pierre Louys*
III—Prima Laura, *por Marcel Prévost*

500 Rs. Preço de cada volume brochado Rs. 500

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8° gr.

300 rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes

1 Crimes no palacio Jackson
2 O osso d'uma perna
3 Evasão d'um malvado
4 Crimes impunes
5 Calvario d'um assassino
6 Um attentado terrivel
7 A creança martyr
8 Resgate sangrento
9 A falsa suicida
10 Um drama nas nuvens
11 Junto da guilhotina
12 Jackson, em poder dos bandidos
13 O cão policia
14 O esqueleto vivo
15 Bandidos de casaca
16 A rainha dos apaches
17 Duas façanhas notaveis
18 Jackson envenenado
19 Ressurreição de Jackson
20 Sapatos de defuncto
21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes
22 Mulheres policias
23 Um milhão de francos
24 As bravatas de um Yankée
25 Coração torturado
26 O quarto dos mortos
27 A cabeça cortada
28 O segredo do conde
29 Tragado pela areia
30 A derrota dos bandidos
31 Os mysterios de Chicago
32 O subterraneo dos cadaveres
33 Por seguir uma mulher
34 A renuncia de Lord Jackson

60 REIS cada volume — Serie completa, 2:000 rs

DCD
823.91
D598.99
P47
v. 7 no. 184

Numero 184 Lisboa, 26 de Dezembro de 1912 Anno IV

Os envenenadores de opio

CAPITULO I

Uma doença extraordinaria

Junto do tanque, ao pé da estatua, no parque de Batterxa, havia sido encontrada adormecida uma rapariga, que, pelo modo de trajar, parecia pertencer ás camadas inferiores. Os traços physionomicos denotavam ser ella de origem irlandeza.

Um transeunte fôra procurar um agente de policia, o qual tentou despertar a adormecida, borrifando-lhe o rosto com agua que fôra buscar n'uma pequena vasilha ao lago.

Conduziram-na finalmente para o posto de policia mais proximo, onde o medico não conseguiu despertal-a d'aquelle somno profundo, tendo, por isso, de ser transportada para o hospital.

Os medicos reuniram-se em volta do seu leito e esforçaram se por a arrancar ao lethargo em que estava mergulhada.

Entretanto a policia lavrára o auto do encontro da rapariga, em presença das pessoas que a elle tinham assistido.

Affirmaram as testemunhas que ella caminhava lentamente e ia sentar-se na borda do lago, quando de subito caira, ficando logo adormecida.

Não havia meio de a arrancar do torpôr que a invadira.

Ao fim do quarto dia, pouco mais ou menos á hora da visita da manhã, haviam-na visto de subito abrir os olhos e olhar em redor como que louca.

Professores e medicos estrangeiros, que em volta do leito discutiam acaloradamente, seguiram-lhe com crescente interesse todos os movimentos.

A joven ergueu se, dirigiu-se com passos automaticos, parecendo não dar pelos medicos, que recuavam deante d'ella. Atravessou a sala e ao chegar junto d'uma pequena meza que se via ao pé d'uma cama, tirou de cima d'ella um pedaço de pão que alli se encontrava. Devorou-o com um appetite feroz e lançou o olhar para outras mezas a fim de procurar mais alimento.

E todo o pão que viu, apanhou-o e enguliu-o vorazmente.

Foram baldados todos os esforços feitos para lhe arrancar uma palavra. E depois de devorar o alimento que lhe forneceram tornou a adormecer profundamente.

Applicou-se-lhe a electricidade e duches de agua fria. Nada se conseguiu.

Dias volvidos, tornou a despertar e a scena que se dera da primeira vez repetiu se: comer e tornar a cair no mesmo lethargo.

Não havia modo de a fazer voltar a si e o interesse dos medicos ia affrouxando, pois se reconheciam impotentes para explicar o caso.

A policia tambem se não preoccupára com o acon-

tecido e nem sequér tratára de investigar a identidade da doente, a qual foi inscripta no registo do hospital sem nome.

Decorreram meses. Mantinha-se o mesmo estado de coisas.

Ora um dia, um outro agente de policia encontrára em plena rua, a dormir, uma outra rapariga. Fôra isso n'um sitio muito concorrido: a ponte de Ubaterlov.

O agente, de nome Jack Forton, redigira o auto do occorrido no qual se dizia que, estando no seu posto, junto da ponte, notára que uma joven, ao que parecia creada de servir, se estendera ao comprido no meio da calçada, como se tivesse deitado n'uma cama. Dirigira-se para a adórmecida e intimára-a a levantar-se e a seguir o seu caminho, mas as suas ordens não haviam sido attendidas. Tentára, auxiliado por alguns transeuntes, levantal-a, mas ella caira lhe como morta nos braços e não despertára.

A imprensa fallou detidamente e da segunda rapariga, mercê do barulho feito, conseguiu determinar-se a identidade.

Chamava-se Draisy Ubynne, era do condado de Enex e viera para Londres meio anno antes, por intermedio de uma agencia de creadas, que lhe arranjára collocação em casa da familia d'um padre.

A ama, que a reconheceu apenas a viu, affirmou que era uma rapariga muito seria, que só sahia com ella aos domingos, não tinha parentes nem pessoas amigas em Londres e que só ao fim de muito tempo se habituára a andar sósinha pelas ruas da cidade, indo diariamente ao mercado fazer as compras.

Não desejava nunca afastar-se do bairro e causára grande admiração o ella não ter voltado para casa no dia em que fôra encontrada pela policia adormecida, chegando os amos a suppôr que, com nostalgia da sua terra, para alli tivesse ido.

A identidade, porém, da primeira rapariga, da que fôra encontrada no parque de Batterxa, continuava **[illegible]** a no maior mysterio.

Os jornaes não largaram o assumpto de mão e accusavam a policia de Scotland Yard, dizendo que ella era incompetente para descobrir o que quer que fôsse, pois nem ao menos conseguia estabeler a identidade d'uma rapariga que forçosamente devia ter familia, ou pelo menos parentes, amigos ou mesmo simplesmente conhecidos.

O chefe da policia criminal, Rowland, não andava nada satisfeito com a attitude hostil dos jornaes. Convocou os inspectores sob as suas ordens e exigiu lhes esclarecimentos completos e rapidos a respeito das duas raparigas.

Essa ordem, porém, era mais facil de dar do que de executar. Apezar dos inauditos esforços empregados pelos funccionarios policiaes, o mysterio continuava insondavel.

E um novo caso veiu ainda complicar as investigações da policia.

Nas proximidades da grande estação de Charivg, não longe da ponte de Ubaterloo, appareceu poucas semanas depois uma outra rapariga, envergando apenas uma camisa e apresentando os mesmos symptomas da inexplicavel doença, mas com caracteres differentes.

Esta tambem não falava, nem respondia, dormia algumas horas, depois acordava, para tornar logo a adormecer. O seu somno não podia de fórma alguma ser interrompido. Os medicos fizeram uma descoberta singular, que veiu contribuir para complicar ainda mais o caso, já de si intricado.

Os homens de sciencia verificaram que os corpos das raparigas tinham um sem numero de signaes semelhantes a pustulas seccas. Essa descoberta em coisa alguma aclarou o caso.

A terceira doente apresentava differentes pustulas cobertas de milhares de pequenas feridas, parecendo feitas por pontas de alfinetes.

Devido á tagarelice d'uma empregada, naturalmente obsediada por algum reporter teimoso, tornou se publica o facto e toda a cidade de Londres se occupou do assumpto.

Rowland convocou os inspectores de policia a uma conferencia, para se combinarem os meios de encontrar a solução d'aquelle difficil enygma.

Falou-se, discutiu-se, mas não se chegou a conclusão alguma, sendo todos unanimes em concordar que o resultado da conferencia era nullo.

O inspector Gordon tinha uma expressão de zombaria no rosto e assobiava por entre dentes quando se despedia dos collegas ao sairem do gabinete do chefe.

N'essa noite encontrou-se com alguem que já em outras occasiões criticas o tinha aconselhado. Esse alguem era Sherlock Holmes.

O criminalista ouviu o que o inspector lhe dizia em silencio. Depois, puxando uma fumaça do seu inseparavel cachimbo, disse:

—Tenho lido tudo o que diz respeito a essa doença e ás suas victimas e reflecti maduramente sobre o que li. O inspector, a tratar do caso, deve primeiro que tudo lançar as suas rêdes para os que vivem da atuagem.

Gordon olhou admirado para o grande criminalista.

No rosto manifestou claramente essa admiração.

Sherlock Holmes continuou:

—Estou convencido de que temos de considerar essas tres raparigas como victimas d'um mesmo homem, que as attrahiu a qualquer local por meio de violencia, a fim de as tatuar e as exhibir depois em

publico. Foram objecto de experiencias. A circunstancia de só alguns pontos do corpo apresentarem signaes de picadas confirma plenamente as minhas suppositções.

—Bem, sr. Holmes, mas que tem o inexplicavel somno lethargico com a tatuagem? perguntou, abanando a cabeça, o inspector Gordon.

—A explicação não é muito difficil, inspector. Comprehende-se bem que um homem em seu perfeito juizo não póde dar milhares de picadas.

Aquelle ou aquelles cujas victimas foram encontradas na rua, empregaram um processo scientifico desconhecido para atordoar as jovens. As pobres raparigas, apenas chegaram á rua, cairam, dominadas pelo narcotico que lhes fôra ministrado.

Procure os culpados, para conhecer o processo mysterioso causador do somno lethargico e tenha a certeza de que encontrará n'elles a solução do mysterio. E' evidente que, senhor do segredo, as victimas serão libertadas do terrivel excitante. Uma mulher cairia n'aquelle entorpecimento apenas soffresse a influencia do narcotico.

Gordon despediu-se, agradecendo a Holmes, e resolveu seguir o conselho que lhe havia sido dado.

Quando o criminalista se viu sósinho, tornou a accender o cachimbo e absorveu-se em funda meditação. O olhar fitava-se no espaço como se alli encontrasse a chave do enygma.

A visita do inspector e a conversação que acabava de ter aguçaram-lhe a curiosidade. Resolveu por isso começar a tratar do caso.

Não podia, porem, de momento, dedicar-se do corpo e alma, como desejava, a esclarecer o mysterio, porque tinha entre mãos um outro assumpto tambem importante. Resolveu, portanto, adiar para momento opportuno a investigação do caso das adormecidas.

CAPITULO II

Noite tretica

Harry Taxon acabava de regressar d'uma commissão de que fôra incumbido por Sherlock Holmes. Contemplava o mestre, que estava absorto em profunda meditação. Do cachimbo do criminalista elevavam-se essas nuvens de fumo, que subiam em espiral até ao tecto. O rosto conservava-se immovel, as sobrancelhas estavam contrahidas, como se quizesse concentrar todos os pensamentos n'um unico ponto fixo.

Volvidos alguns momentos de fundo silencio, Sherlock Holmes disse, de subito.

—Sinto me um tanto ou quanto fatigado, por isso vaes tu entrar em scena.

Pelo rosto do joven ajudante passou uma expressão de contentamento e replicou com vivacidade:

—O mestre sabe perfeitamente que me tentam as aventuras e se quizer...

Foi interrompido por um gesto de Holmes, o qual olhou com agrado para o discipulo.

Depois, de novo annuveadas as feições, continuou:

—Tenho de descobrir a morada de lord Mannesford para lhe agradecer o ter-me libertado d'aquellas feras que me queriam assassinar. Tu tens de procurar e travar relações com os dois creados chinezes. E' olbio que elles, como os seus compatriotas, teem o vicio do opio. Procura tambem descobrir onde é a caserna do vicio e ahi com certeza os descobrirás, pois vão lá buscar a felicidade.

Harry só respondeu com um gesto de assentimento.

Aspirando algumas fumaças, o criminalista proseguiu, pensativo:

—Não será muito facil descobril os entre os chinas que aqui vivem, tanto mais que não tenho os seus signaes. Talvez tu, Harry, possas...

—Já tenho, eu, esses signaes, atalhou Harry, e se apanho o rapaz a geito nunca mais o largo.

—N'esse caso, tanto melhor! Ouve me agora com attenção.

Depois de ouvir com o maior cuidado algumas instrucções dadas pelo mestre, Harry saiu, dirigindo-se para uma rua onde sabia ser situada um casa que servia de ponto de reunião aos fumadores de opio.

D'ahi a horas voltou a casa, a informar o criminalista de que não descobrira coisa algumas e que os dois chinezes pareciam ter se evaporado, sem deixarem signaes apoz si.

Holmes resolveu seguir pessoalmente uma pista. Sabia que Ubilson, conhecido tabellião, se occupava de negocios duvidosos, que costumava visitar a casa de fumo de opio de Tee-ar-Ihe, da qual era frequentador assiduo e para onde levava até algumas pessoas.

Decorreram dias. Sherlock Holmes, completamente restabelecido, resolveu sahir de casa e tomar a direcção das investigações com relação á descoberta dos chinezes.

Disfarçou-se n'um honrado camponio que tivesse vindo a Londres com bastante dinheiro e foi procurar o tabellião. Teve arte para se fingir embriagado e,

sob um protexto qualquer, o primeiro que se proporcionou, deixar-lhe vêr o dinheiro que trazia.

O fito de Sherlock Holmes era penetrar no antro de Tee-ar-She. Quando o tabellião se lhe offereceu para o guiar na cidade, revelou-lhe em ar de grande confidencia que d'uma das vezes que estivera em Londres, havia annos, encontrára n'essa occasião um amigo que o levára a casa d'uns chinezes, onde fumára um tabaco admiravel, que lhe dera a maior felicidade que na sua vida havia sentido.

—Por mais que tenha procurado e tornado a procurar, sr. Ubilson, não fui nunca capaz de dar com essa loja. E desejava tanto descobril-a. Gozei ahi como nunca gozei em parte alguma. Via imagens deliciosas, tive sonhos divinaes, senti sensações como nunca tivera e nunca mais tornei a ter. Olhe, sr. Ubilson, só tenho uma palavra para lhe poder exprimir o que senti: subtil!

O tabelião, cujo rosto revelava uma cupidez insassiavel, tendo-se certificado de que o supposto camponez possuia algumas centenas de libras, offereceu-se para lhe proporcionar esse goso.

Com as maiores precauções tratou de averiguar se o provinciano tinha parentes em Londres e se estava hospedado em casa d'elles.

—Não tenho parentes e em minha casa só ha o estafermo d'uma velha governante, a quem não disse que vinha para Londres que a esta hora me julga na nossa cidade, não lhe passando sequer pela cabeça que me encontro aqui, para me divertir. E' uma rabujenta que me cusla a aturar, mas estou já habituado a ouvil-a e rio-me d'ella.

Parecia que todos os desejos do notario eram exalçados e que tudo corria de feição para o projecto que tinha em mente.

Pediu por isso ao provinciano que o acompanhasse. Conhecia uma casa de opio, onde faria com que lhe fosse proporcionado o prazer por que tanto anceiava.

Se Sherlock Holmes não tivesse tão profundo conhecimento dos homens, custar-lhe-hia a tirar qualquer conclusão do modo de proceder de Wilson.

Queria saber como elle levava as victimas para a caverna.

Sairam.

A casa para onde Wilson o levou tinha o aspecto de todas que serviam para o mesmo fim. Os dois empregados que ahi estavam e que pareciam embriagados afastaram-se a um signal do notario, deixando a meza immunda, junto da qual se achavam.

Wilson voltou-se depois para Tee-ar-She. Gesticulando animadamente, falou com o chinez, que acabou por dizer:

—Bella compremol-o. A outra casa está cheia.

O grande criminalista, a quem nada escapava, escutara, attentamente, mas não pudera perceber a resposta, pois fôra dada em voz muito baixa.

Aquellas palavras haviam sido porém, escutadas por outra pessoa. Fôra Loo-tu-ung (bella flôr), que quasi no mesmo instante em que seu pae respondia se erguia por detraz d'uma esteira perto da qual Tee-ar-Sh e Wilson se tinham sentado.

As palavras de seu pae deviam ter alguma coisa de terrivel, pois que o taboleiro das taças tilintou nas mãos de Loo-tu-ung, das quaes se escapou com grande ruido.

Loo-tu-ung com a presença de espirito propria da sua raça apanhou as taças e pôl-as em cima da meza baixa deante do hospede, convidando-o a tomar uma chavena de chá, ao mesmo tempo que murmurava algumas palavras em voz muito baixa.

Wilson metteu-se, porém, de permeio, impedindo que a conversa pudesse proseguir.

—Deixe isso, meu caro, pois tenho coisa melhor a offerecer lhe. O velho não queria acceder e custou-me a persuadil-o. Só pagando uma libra, senão, não quer.

O supposto provinciano, mettendo a mão no cinto onde trazia o ouro, tirou uma moeda que atirou para cima da meza, ao mesmo tempo que dizia n'um tom de fanfarrão.

—Que me importa uma libra a mais ou a menos! Trouxe o dinheiro apenas para me divertir.

Wilson entregou a moeda á filha do dono do estabelecimento e Sherlock Holmes, a quem como já dissemos, nada escapava, apezar de se fingir embriagado, percebeu que o chinez avaliava com um olhar perscrutador o peso do cinto do dinheiro.

O criminalista percebeu que o olhar de Loo-tu-ung continha um aviso. A joven tinha uma expressão de tal horror e dava ao olhar uma tão clara intanção de prevenção que Sherlock Holmes pensou de si para comsigo que havia ahi um mysterio horrivel, a que a chineza era extrenha e que a fazia tremer.

Pareceu-lhe fóra de duvida que ella tinha o desejo de prevenil-o para que se acautelasse d'um roubo, se não de alguma coisa peor, e, por isso, resolveu applicar todos os seus sentidos para evitar ser victima de um crime.

A um gesto do notario o grande criminalista levantou-se e seguiu-o.

Wilson ergueu uma esteira, que se via a um canto da loja. A porta, ou antes abertura occulta por essa esteira dava para os degraus da uma escada que parecia descer para o interior da terra.

Sherlock Holmes contou oito e pelo seu singular poder de orientação comprehendeu que, ao fim d'um comprido corredor, não estava já em casa de Tee-ar-She, mas n'uma outra proxima.

O notario abriu de subito uma porta, convidando o companheiro a seguil-o.

Sherlock Hlmes contou seis degraus.

Desceram para um novo corredor subterraneo, até que afastando uma esteira, a um canto, deram entrada no compartimento destinado aos fumadores d'opio.

Era um vasto recinto. A' direita e á esquerda, á distancia de dois metros, esse recinto estava dividido em pequenos quartos. O do centro permittia que se vissem todos os outros.

Foi para esse que os dois entraram. Via-se ali um amplo camapé, em cima do qual estava uma almofada. Em frente d'elle havia um tamborete e sobre este o cachimbo que innoculava no corpo dos fomadores o terrivel veneno.

Nada mais havia nos pequenos compartimentos.

O fumador do opio não quer luxo: o que deseja é que lhe não falte lá o veneno em abundancia.

Os outros compartimentos, oito contou o criminalista, estavam ainda vazios, á excepção do primeiro, onde se viam dois adormecidos, já duminados pelo vicio.

Wilson encaminhou o seu companheiro para o ultimo compartimento do lado direito e convidou-o a estender se sobre o camapé.

Immediatamente appareceu um creado.

Wilson disse-lhe:

—Um amigo meu!

E á escolhida victima:

—Vi que traz comsigo uma quantia importante e, como medida de prevenção, aconselho-o a dar-me a guardar esse dinheiro.

—Não quero com isto dizer que alguma vez os clientes fôssem aqui victimas de roubo, todavia é sempre conveniente ter a maior cautela. Homem prevenido vale por dois.

«Trouxe-o aqui, cumpre-me velar por si. Seria para mim um grande remorso se lhe succedesse algum mal. Como já lhe disse, não fumo opio e esperarei na loja de chá que desperte.

O criminalista que desejava vêr até onde chegava a perversidade do notario, entregou lhe o dinheiro com a simplicidade d'um verdadeiro provinciano, cujo papel representava magistralmente.

De repente, porém, e ainda no seu papel, pareceu ter desconfianças e soltando uma gargalhada, como que forçada, voltou-se para o seu bom amigo:

—Vae julgar me um pateta, naturalmente, mas... mas tenho objeções e serias a fazer...

Pareceu hesitar, escolher as palavras de que se devia servir.

Depois, em tom confidencial:

—Quem me afiança que se não *abotôa* com a grande quantia que lhe entreguei? Dê-me outra vez o dinheiro. Se se recusa a restituir-m'o, então é porque não posso confiar nem na casa onde estou, nem no dono do estabelecimento.

«Não supponho que me leve o dinheiro, pois não sou tão estupido como os janotas da cidade nos julgam, a nós os provincianos. Se esse velho chinez que nos surgiu pela prôa não me subtrahir o dinheiro, então dar-lh'o-hei a guardar, mas..

O notario replicou:

—Desconfiar de mim?

—Não, não desconfio, mas nós os provincianos, somos pão, pão, queijo, queijo, e gostamos de tudo muito claro. Nada de brincadeiras.

Wilson fez um signal a um creado e, quando este ss aproximou:

—Shen tschung, o seu patrão confia-me ou não todo o dinheiro que tem? Diga a este cavalheiro que conceito eu mereço na casa e se sou ou não capaz de guardar dinheiro que me entreguem. Diga-lhe quem eu sou e se Tee-ar-she tem ou não plena e absoluta confiança em mim.

O creado, fazendo uma careta que tinha pretenções a passar por um sorriso amavel, respondeu, em mau inglez:

—Sr. Wilson, socio de Tee-ar-she. Poder entregar socegadamente todo dinheiro. Estar tão seguro como em mão de Tee-ar-she. Até poder confial-o ao pobre Shen-tschung. Shen-tschung ser um pobre diabo que vive a beber vinho que os cavalheiros lhe offerecem, mas Shen-tschung ser tão honrado como Wilso e Tee-ar she. Poder entregar com segurança o dinheiro.

Era convicção intima de Sherlock Holmes de que lhe queriam roubar a bolsa.

E pensou de si para comsigo,

—Julgam talvez que me calarei! De que meios se servirão os tratantes para me reduzirem ao siiencio?

Occorriam-lhe estes pensamentos; comtudo a consciencia do perigo imminente, em vez de aterrar o criminalista, levava-o a querer arrastar todas as eventualidades.

Tirando o cinto e contando o dinheiro, entregou-o a Wilson, que immediatamente se afastou.

Sherlock Holmes sentou se no camapé e o creado apresentou lhe o cachimbo cheio de tabaco. Accedeu-o, collocando depois no recipiente uma pequena bola d'uma côr amarellada escura, o opio.

E saiu, sem fazer ruido.

Apenas elle virára costas, Holmes, tirando a pequena bola, arremessou a para longe, começando em seguida a aspirar o tabaco, pois sabia que o chinez o viria espreitar.

Estava conjurado o perigo de adormecer. E as suas conjecturas realisavam-se, pois, momentos decorridos,

percebeu que os dois patifes não tinham saido e que, acocorados a um canto, o estavam espiando.

Sherlock Holmes continuava a representar o seu papel conscienciosamente, parecendo ceder pouco a pouco á influencia do terrivel veneno.

Resolveu proceder como se a pequena bola não tivesse por elle sido arremessado para longe, antes estvesse ardendo sobre o tabaco.

Estendeu se no camapé, fingindo ceder á influencia do narcotico, soltou um pequeno grito e pareceu adormecer.

D'um compartimento proximo, viu erguer-se o chinez, que n'elle fixava um olhar chammejante.

Continuou estendido, sem um movimento, como que morto. Nem um estremecimento teve quando o tratante, curvando se sobre elle, lhe roubou o relogio e a corrente de ouro.

—A coisa não correr mal para o pobre Shen-ts-chung. Entregar a ambicioso Tee-ár-she e a sr. Wilson o dinheiro que seria pouco para o miseravel Shen-tschung, murmurou a meia voz o chinez.

Fez desapparecer nas mangas os objectos roubados, pois os chinezes não usam bolsos nos fatos os quaes são substituidos pelas amplas mangas das cabaias.

O ladrão curvou se de novo sobre o criminalista, a fim de lhe ouvir a respiração.

Sherlock Holmes, que tudo observava por entre as palpebras semi-cerradas estava preparado a repellir qualquer ataque. Devia ter saltado sobre o chinez, pois, se assim tivesse procedido, teria evitado os perigos a que ia ficar sujeito,

Mas o dom de adivinhação não o tinha o criminalista, apezar do seu enorme talento, e ia-lhe custar caro o ter poupado o seu inimigo.

O chinez levantou-se e recuou. Encostado á parede, desappareceu n'um abrir e fechar d'olhos.

O criminalista apenas distinguiu, no ponto onde se sumira, uma larga fenda no chão.

De subito, o sobrado do lado opposto a essa fenda elevou-se, sem que se pudesse adivinhar a causa que tal phenomeno produzia.

Holmes levantou-se d'um pulo, em seguida agachou-se e espreitou.

Shen-tschung, batendo com a mão na parede compassadamente por differentes vezes, fez voltar o sobrado, ao que parecia á posição primitiva. Em seguida fez estalar os dedos com força, signal do evidente prazer que estava sentindo.

—Mestre admirar-se ha quando despertar e vir em que deu a pequena excursão que fez.

Murmurando mais algumas palavras, o tratante saiu, para ir avisar o patrão que tudo estava prompto.

O sobrado, no sitio onde a fenda se abrira. desceera, por um engenhoso machinismo, para uma aboboda do subterraneo, onde os criminosos tinham preparado tudo para a victima nunca mais voltar a ver a luz do sol.

De subito, o grande criminalista sentiu-se arremesado para o vacuo. Instinctivamente, estendeu os braços, para se apoiar.

O corpo teve um brusco estremecimento e uma violenta dôr se fez sentir no braço direito, Desprezando essa dôr, Sherlock Holmes segurou-se com força ao ponto de apoio que encontrára, tentando, mas debalde, pousar os pés.

A mão encontrára um gancho de ferro, a que se agarrara com vigor.

Pareceu-lhe que os pés, ao poisarem ao de leve, o faziam n'um solo quente e julgou ver subir nuvens espessas.

Ficou assombrado. Cheirava-lhe a cal apagada, da usada nas construcções.

Comprehendeu instantaneamente tudo.

Murmurou:

—Os patifes teem aqui uma cova cheia de cal viva. Quando n'elle despenham um pobre diabo, deitam agua na cal. A victima, atordoada pelo opio, morre infallilvelmente n'esta cova infernal. Fazem desapparecer assim todos os vestigios dos crimes. Como me deixei eu cair estupidamente no laço e como poderei sair d'aqui?

Os bolsos do criminalista não tinham sido revistados pelo chinez. N'um d'elles estava a lanterna electrica, A posição em que Sherlock Holmes se encontrava era insustentavel.

Como poude, á custa de inenarraveis esforços conseguiu, com o braço que tinha livre, tirar do bolso e fazer funccionar a lanterna.

Olhou em redor. O gancho, ou antes gato de ferro a que se agarrára, era forte o suffciente para aguentar o peso do corpo, mas ao longo da parede não havia nenhum outro. Nem um unico ponto de apoio, quer em cima, quer em baixo, quer dos lados.

A cal fumegava e refervia-lhe debaixo dos pes.

CAPITULO III

Entre a vida e a morte

Sherlock Holmes teria caido n'aquella especie de sepultura, se não tivesse feito funccionar a sua lanterna electrica. E, n'esse caso, não haveria salvação possivel.

Mesmo que cem mãos lhe tivessem acudido para o arrancarem d'ali, o corpo teria ficado desfeito e destruido.

O criminalista que nunca tremia ante o perigo, d'esta vez ficou aterrado. Mas pouco depois recuperava o sangue frio. O cerebro trabalhava-lhe febrilmente.

Pensava:

—Que hei de fazer?

Não encontrava solução para o caso. Agarrou-se com as duas mãos ao gato de ferro, mas d'ahi a pouco custava lhe a segurar-se. E parecia-lhe improvavel qualquer possibilidade de salvação.

Pensou, reflectiu maduramente. Uma unica probabilidade achou e resolveu pôl-a immediatamente em pratica.

Rebuscou com uma das mãos, emquanto com a outra se segurava com força, nos bolsos, e encontrou uma corda solida. Com mil precauções e cuidados, auxiliando-se com os dentes e as mãos, conseguiu fazer um laço, que pendurou ao gato de ferro.

Depois, o que talvez nenhum outro homem teria sido capaz de conseguir, conseguiu elle: metteu uma das pernas no laço e experimentou se aguentaria o peso do corpo. Verificou que sim, o que o encheu de alegria pois que a situação se tornava de subito muito mais favoravel e muito menos perigosa.

Os braços tinham liberdade de movimentos e desapparecia o perigo imminente.

Conseguira uma coisa importante.

Logo que conseguiu prender o joelho no laço, de novo fez funccionar a lanterna electrica e examinou tudo cuidadosamente em redor. Viu que não havia saida alguma.

De novo se pôz a reflectir sobre o que lhe convinha fazer em tão criticas circunstancias.

Tenteando, conseguiu chegar á cal, a fim de ver se o chão era consistente.

Verificou que o era.

Apoz inauditos esforços, com uma faca que tirou do bolso conseguiu rasgar o casaco, que despiu em tiras, atando-as umas ás outras e estas ao laço. Tomou assim a corda mais comprida, a ponto de a fazer chegar á outra extremidade da cóva.

E tomou uma resolução terrivel. Embora com risco de cair no meio da cal e ahi morrer, deliberou tentar a aventura.

Enrolando as pernas na corda que improvisára, tomou balanço lentamente ao mesmo tempo que se ia deixando descer devagarinho.

Depois, de subito, dando um balanço maior, conseguiu passar por cima da cova e chegar a uma aboboda por baixo da qual ficava aquella caverna infernal.

E o criminalista soltou um brado de triumpho, quasi de alegria.

A' luz da sua lanterna reconheceu que o terreno que pizava era solido. Desprendendo-se por completo caiu do lado de lá, verificando achar-se n'um subterraneo.

Olhando para cima, avistou outros dois poços e debaixo de cada um d'elles uma cova. N'ellas não se via, porém, cal fumegante.

—O acaso fez-me desvendar um segredo terrivel, murmurou o grande criminalista. Estes patifes prepararam tudo com a maior pericia.

A' luz da lanterna procurou encontrar ums saida, mas não poude descobrir porta alguma que desse entrada para o subterraneo.

—Mas com certeza que hão de penetrar aqui. Teem de deitar para cá a cal e fazer os restantes preparativos. Deve por força haver uma saida.

Procurou, tornou o procurar, mas nada encontrou. Qual o novo mysterio que os tres poços occultavam?

—Revistemos de novo as duas covas, talvez d'isso nos advenha algum proveito! murmurou Sherlock Holmes.

E começou a percorrer o espaço que se lhe estendia em frente.

D'ahi a pouco sentia-se horrorisado, elle que tinha até então visto as coisas mais extraordinarias. Era um vasto cemiterio o local em que se encontrava, sendo-lhe impossivel poder calcular o numero de cadaveres que ali havia, cadaveres de victimas dos infames bandidos.

Passou para a terceira caverna. A horrivel descoberta que fizera, em vez de o abater excitára-o.

Tambem não encontrou saida alguma.

Escapára da morta pela cal para morrer á fome e á sêde n'aquelle logar de horrores!

CAPITULO IV

Inimigo salvador

Quando Wilson saiu da loja com o supposto provinciano, dirigindo-se para o recinto de fumo do opio, Loo-tu nng avançou para seu pae e, fazendo-lhe uma reverencia á moda chineza, preparou-se para falar.

Mas o pae observou-lhe que os costumes chinezes

prohibiam que os filhos falassem sem que os paes os interrogassem,

—Minha filha quer alguma coisa a seu pae? perguntou o velho dono da loja de chá.

Loo tu-ung curvou se e ciciou lhe ao ouvido:

—Se meu pae não tivesse fallado, Wilson não iria com o extrangeiro para baixo.

O velho rapoza escutou aquellas palavras sem manifestar commoção alguma, com a astucia propria da sua raça, dizendo apenas:

—Porque motivo não havia eu de deixar ir o sr. Wilson com o extrangeiro para baixo? O sr. Wilson temnos trazido muitos freguezes. Lov-tu-ung sabe muito bem que a loja nada vende.

—Meu pae não quer entender Lov-tu-ung. Tee-ar-she esquece-se de que Lov-tu-ung não é nenhuma creança a quem seja necessario ensinar a abrir os olhos. Encheu a de terror o que viu. Lov-tu-ung sabe que todos os extrangeiros que Wilson leva lá para baixo não mais voltam; Lov-tu-ung sabe tambem que esse facto é do conhecimento de Tee-ar-she.

«Meu pae procede muito mal e não quero lembrar-me de que, se Lov tu-ung pedisse a seu pae, talvez esse homem não fôsse enviado para as profundezas onde está Shen tschung. Tee ar-she podia libertar a victima!

«Lov-tu-ung não consegue nunca conciliar o somno; julga ouvir o estertor dos moribundos, crê ver Tee-ar-she, seu pae, no cadafalso.

Com uma agilidade de que se julgaria incapaz um velho, Tee-ar-she saltára para junto da filha, tapando-lhe a bôcca com uma das mãos.

—Lov-ta-ung quer perder seu pae? murmurou o velho por entre os dentes cerrados.

—Não é Lov-tu-ung que quer perder seu pae, mas é elle mesmo que a si se prejudica. Wilson e Shen-tschung teem Tee-ar she na mão e só esperam occasião propicia para fazer sentir o seu poder sobre elle. Shen-tschung já começou. Atreveu-se a desejar para mulher Lov-tu ung e quando lhe retorqui devidamente e lhe affirmei que antes queria tomar por marido o mais mizeravel *coolie* que come arroz no porto, respondeu me a rir:

«—Se Lov-tu-ung não quizer acceitar por marido She-tschung de boa mente, então este dirá uma palavra a Tee-ar-she e este ordenará a sua filha que cumpra os desejos de Shen-tschung. Wilson procederá d'outro modo, mas tambem para prejudicar Tee ar-she, porque o que elle quer é dinheiro, muito dinheiro. Se meu pae se recusar a dar-lh'o, Wilson que tanto cobiça, não hesitará em commetter qualquer crime em sua casa e o homem branco executará a sua sentença.

«Meu pae não poderá voltar para a sua bella patria, como já prometteu ha muitos annos a Lov-tu-ung, e deixará a cabeça no carrasco de Londres!

«Loo-tu-ung espreitou Wilson e Shen tschung e soube assim que elles querem obrigar Tee-ar-she a abandonar esta casa com todos os seus segredos. Shen-tschung quer possuir Lov tu-ung para a obrigar a commetter assassinios, mas Lov-tu-ung avisa seu pae para que não acceda aos desejos d'esse bandido.

O velho tornou-se muito pallido. Ia responder, mas a filha, levando um dedo aos labios, impôz-lhe silencio, apontando para o corredor.

O ouvido apurado da joven chineza ouvira os passos de Wilson.

Effectivamente, o notario regressava n'esse instante. Encontrou Tee-ar-she só pois Lou-tu-ung tinha desapparecido atraz da esteira, junto da qual se encontrava o velho, acocorado.

—Então, quanto?

Essa pergunta foi dirigida por Tee-ar-she ao que entrava, ao mesmo tempo que os olhos lhe brilhavam de cobiça. Wilson fingiu não ter ouvido e por isso o velho repetiu a pergunta.

—Ah! Enganámo-nos! O provinciano não trazia quasi nada. Não valia a pena ter tanto trabalho.

Wilson fallava com um tal desprendimento que parecia considerar o negocio como liquidado, mas o velho chinez deu um pulo e apertou-lhe as guellas com toda a força.

O notario ficou durante um momento nas mãos do assaltante, com os movimentos tolhidos pela surpreza, como que atordoado. Mas depressa recuperou animo e applicou no chinez um tal socco que o fez largar a preza e cambalear.

—Que queres, patife amarello? Julgas que has de apossar te de todo o dinheiro ganho pelo meu trabalho, deixando-me a olhar para o ar? Não, filho do céu, já lá vae esse tempo! O dinheiro de que me apoderei hoje fica para mim. Juntar-lhe-hei uma quantia redonda e depois safo-me.

«Temos arriscado a pelle por tua causa e se alguma coisa nos succeder havemos de ter a recompensa. Absorveste durante estes quatro annos muito dinheiro. Has de amansar com o tempo. E's o unico culpado do fracasso do negocio entabolado com o esculptor, pintor ou coisa que o valha. Elles haviam feito aqui quartel general, mas desde que foram espiados não se julgaram em segurança e por isso levantaram vôo.

«Não lhes agradava o que se fazia e não queriam que tivessemos tantos lucros como elles. Escapou-nos esse *gancho* e tambem queremos...

Wilson não adeantou mais. Tee ar-she carregára n'um botão electrico, logo que se refizera do socco. A corrente terminava no recinto do opio, onde estava Shen-tschung.

D'ahi a momentos abria-se a porta, apparecendo o rosto inexpressivo do guarda da casa dos fumadores d'opio.

—Anda cá, Shen-tschung, e atira para casa do diabo este demonio branco! Tira-lhe, porém, primeiro o dinheiro que elle extorquiu á ultima victima.

Shen-tschung nem sequer se mexeu. Ao rosto assomou-lhe um sorriso, que mais parecia uma careta.

—Não ouves, Shen-tschung?

O chinez empurrou a porta devagar e deu dois passos. Depois, parando e apontando para o notario, disse:

—O sr. Wilson é amigo do pobre Shen tschung e dá-lhe dinheiro. Faço o meu negocio com *elle*. Apezar de mizeravel como é, Shen-tschung não atraiçoará o seu amigo, não o atacará, nem lhe tirará o dinheiro.

—Voltas-te então contra mim? Antes assim, pois ao menos sei o que devo fazer e com quem contar. Venderei tudo e partirei depois com minha filha para a China. Estou farto de fazer casa para os outros.

Wilson retorquiu em tom altivo:

—Podia ter partido ha já muito tempo. Sou até da sua opinião, aconselhando-o a que não permaneça aqui. Viajará, porém, sósinho, porque sua filha ha de ficar aqui. O meu amigo Shen-tschung quer casar com ella e tem de dar lh'a. Tambem não precisa de se preoccupar com o trespasse da casa, porque nós nos encarregamos d'isso.

—O sr. Wilson tem razão. Casarei com Lov-tu-ung e não trespassarei a loja. Tee-ar-she póde voltar á sua patria.

—Enlouqueceram ambos? Que é que dizem? Julgam-me assim tão facil de dominar?

O tabellião redarguiu:

—Não enlouquecemos nem pretendemos dominal-o. Só lhe digo uma coisa, e com a maior *tranquillidade*: ou faz o que nós queremos, ou cumpriremos a nossa promessa. Se eu fôr pedir auxilio á *policia*, descobrir-se-ha sem duvida a entrada do subterraneo, apezar de tão bem occulta.

«Creio que não será necessario contar-lhe o que succederá no caso dos agentes metterem o nariz nos nossos esconderijos.

—Que estupido que é, sr. Wilson! replicou Tee-ar-she. Julga atemorisar-me? Ainda bem que se desmascarou. Não se lembra, porém, do que lhe acontecerá e a esse filho d'uma cadella, seu amigo e seu socio. A casa foi preparada para os seus crimes e foram os dois que os commetteram.

«Julga então que ficarão em liberdade? Cabeças estupidas, que entendem que me mettem medo! Olhem, outro officio!

Wilson deixára o chinez fallar, sem o interromper. Depois, objectou:

—Quem o ouvir, ha de suppôr que de nada tem receio e que nada soffrerá, graças á sua influencia. Esquece-se apenas d'uma coisa, velha rapoza: é de que vive em Inglaterra e que ha aqui uma lei que absolve as testemunhas que fazem uma confissão sincera, auxiliando assim a descoberta do crime.

«Dei já todos os passos necessarios para me segurar no caso de alguma denuncia e sei como hei de depôr para me livrar do rigor da lei. Quanto a Shen-tschung, nada ha contra elle. Estava a seu serviço e não conhecia os crimes commettidos n'esta casa. Como vê, tudo depende de si. Quem sabe o que succederia se as victimas aqui não tivessem apparecido!

Os tres interlocutores ficaram de repente silenciosos. Na loja entravam alguns freguezes. Eram chinezes que vinham embriagar-se com o opio. Um dos recem-vindos, um gigante, um verdadeiro hercules, é já conhecido dos leitores da *Novella*. Era Lico-Shen, creado de lord Mansford, o astuto bandido! Outro dos freguezes era Ly-ung-broca, o rato, ao serviço da policia e do afamado criminoso.

Sherlock Holmes fôra ali tambem com o fim de encontrar esse pequeno chinez. Emquanto Ly e mais dois visitantes se dirigiam para baixo com o fim de gosarem o ambicionado prazer. Lico Shen ficou para traz e voltou á loja, com todas as procauções.

Entretanto ahi, avistou atraz d'uma esteira o rosto de Lov-tu-ung, que desappareceu quasi instantaneamente. O chinez sumiu se atraz d'ella. A joven chineza pegou lhe na mão e conduziu-o por uma escada para um aposento mobilado á oriental, com todo o luxo e riqueza.

—Escuta, Lico Shen! Desejas que eu seja tua mulher e eu já t'o prometti. Mas tenho que te revelar um segredo e tens de me auxiliar n'um caso difficil.

—Lov-tu ung sabe muito bem que é sr.ª de Lico-Shen Por isso, ella ordena e Lico obedece.

A bella chineza revelou lhe o que se passava e a conversação que havia surprehendido entre seu pae e os dois homens, pouco antes, concluindo:

—Quero saber onde estão os homens que o mizeravel Wilson arrastou lá para baixo e que não tornaram a voltar. Não ignoro que por baixo da nossa casa e das casas visinhas existem subterraneos ligados uns com os outros por meio d'um corredor. Segui já Shen-tschung e no modo como elle abre a entrada para esses subterraeeos. Eu propria já desci a elles, mas tive de recuar, tomada d'um subito terror.

«Agora, porém, quero saber e hei de saber tudo. Os dois patifes ameaçaram meu pae. Quero ter armas contra elles!

—N'esse caso, desçamos e vamos vêr!

—Agora, não, Lico-Shen, agora não! Vae lá para baixo e fuma, ou antes finge fumar, mas finge-te embriagado. De manhã, quando todos estiverem adorme-

cidos, meu pae fumará tambem e depois Shen-tschung.

«Então, quando todos estiverem embriagados, teremos tempo para pôr o nosso plano em execução. Irei esperar-te lá em baixo. Não fumarás hoje, não é assim?

—Lov-tu-ung ordenou e Mico-Shen não levará o cachimbo de opio á bôcca.

—Não quero que faças sacrificios. Só o que te peço é que te não deixes embriagar e adormecer.

—Lico Shen não fumará e esperará Lov-tu-ung.

—Bem. Vae ter com os teus companheiros, que d'aqui a pouco notariam a tua ausencia. Shen-tschung tem olhos de rata zarolha, vê de todos os lados.

O chinez obedeceu.

Decorreram as horas e quando o sol já se erguia no horizonte, Lov-tu-ung dirigiu-se a passos furtivos para a casa de fumo do opio. Não lhe foi necessario ahi penetrar.

Ligo-Shen saiu-lhe ao encontro.

Pegando lhe n'uma das mãos, a chineza guiou-o para o pateo escuro que ficava entre dois compartimentos. Chegando ahi, apontou para um poço enorme que ficava no meio d'esse pateo.

—Este poço é a entrada do subterraneo. E' uma escada disfarçada, que nos levará lá abaixo. Os degraus são faceis de descer e tenho visto muitas vezes Shen-tschung tomar este caminho. Como já te disse, tentei uma vez ir lá abaixo, mas tive medo e recuei. Faltava-me até a respiração.

Lov-tu-ung indicou ao companheiro o modo como, carregando n'um determinado ponto, o poço se punha em movimento

Como que por encanto, a bôcca do poço moveu-se e afastou-se para o lado.

Uma escada appareceu em frente dos dois.

*
* *

Sherlock Holmes não tinha conseguido encontrar saida n'aquelle sepulchro de pedra e, agachando se a um canto, absorveu-se em intimos e profundos pensamentos.

Tão absorto se encontrava que não notou que o ar era cada vez mais mephitico e só quando sentiu que a respiração lhe faltava é que, atordoado e aturdido, levou a mão á fronte, murmurando:

—Hein? Falta-me o ar!

Tentando arrancar-se ao torpôr que de momento a momento mais o invadia, procurou indagar o motivo do que lhe succedia. Comprehendeu rapidamente o que era.

—Morrerei asphyxiado, se não encontro o meio de sair d'aqui, murmurou elle, tentando não perder de todo a esperança.

De novo procurou. O medo da morte dava-lhe uma energia sobrehumana.

Não se ouvia o minimo ruido, não se via pedra alguma saliente, o mais pequeno ganeho de ferro que pudesse dar azo á mais tenue esperança.

O criminalista estava encerrado n'um verdadeiro tumulo.

Apezar da sua energia de ferro, Sherlock Holmes caiu por terra, desfallecido o animo. Recordava-se das situações em que durante a sua aventurosa vida se havia encontrado: nenhuma tão critica como a actual. Pela mente prepassavam-lhe os mais desencontrados pensamentos.

Encostando o corpo á parede, rolou pelo solo, batendo com a cabeça no lagedo. Das feridas começou a jorrar sangue abundantemente, humedecendo a terra. A perda do sangue augmentava a fraqueza do criminalista.

De subito pareceu-lhe ouvir ruido. Recuperou um certo vigor. Concentrando todos os seus sentidos no do ouvido, tentou soerguer se. Nada mais, porém, ouviu, e de novo a debilidade quasi o extenuava quando as vozes se renovaram distinctamente.

Tal facto animou-o. Forcejou por se erguer, agarrando-se ao muro. mas apenas conseguiu ajoelhar-se. Olhando para cima, soltou um suspiro de allivio e recaiu por terra.

Vira uma cabeça de mulher e parecera lhe que ella o olhava compassivamente.

Pensou:

—D'aquella mulher não me provirá mal. Estou salvo!

Rolou de novo pelo lagedo, desmaiando.

Lov-tu-ung desceu a escada e ajoelhou-se ao lado do criminalista, inanimado. Pouco depois, estava tambem ali Lico-Shen.

Devido aos esforços dos dois, Holmes voltou a si. Pondo se em pé com o auxilio de Lico-Shen, começeu a articular algumas palavras. O chinez atalhou o, dizendo:

—Não está bem aqui, vamos leval-o lá para cima. Liéo-Shen ajudará o mestre a subir e lá em cima contará tudo melhor.

Falando assim, o gigante agarrou a escada, mas olhando para cima soltou um grito.

Sherlock Holmes e Loó-tu-ung seguiram esse olhar e recuaram espantados. Em cima, na abertura, apparecia um rosto animado pelo furor. Um braço agarrou a escada tentando puxal-a para cima.

Lico-Shen reconheceu o perigo imminente em que

os tres se encontravam e segurou com força a escada a fim de frustrar os intuitos do miseravel.

Shen tschung largou-a quando notou que o gigante a tinha agarrado. Resmungou desdenhosamente.

—Ora vamos! Loo-tu-ung despresou o pobre Shen-tschung e ama o criado d um criminoso! E conduziu aqui o seu amante! Tem espiado Shen-tschung e quiz descobrir o segredo? Como estão ahi todos em tão bôa companhia? Julgava que ha muito se teria ido embora. Mas agora não mais farão perguntas. Podem festejar ahi em baixo o seu casamento e á moda ingleza. Está ahi o padrinho!

Lico-Shen, segurava com força a escada, mas o patife de Shen-tschung, tirando uma faca do bolso, começou a cortar a corda.

—Como? Lico-Shen quer deixar a sua noiva sósinha? Deixa-te estar ahi em baixo, patife!

Cortando a corda do lado direito, preparava-se para fazer o mesmo do lado esquerdo, quando de subito se ouviu uma detonação e o corpo do facinora, que se estendera ao comprido para melhor executar a sua nefanda obra, veio cair estatelado no subterraneo.

O miseravel ficou immovel.

Sherlock Holmes durante a arenga de Shen-tschung fôra-se animando pouco a pouco e ao reparar em que o malvado queria destruir o unico meio de salvação levou a mão ao bolso e, puxando pela sua pistola Browing. varára com um tiro o bandido.

Loo-tu ung recuou dando um grito de surpreza, quando o corpo do chinez rolou pelo lagedo. Lico-Shen exclamou:

—O estrangeiro fez muito bem! Temos de proceder com a maior cautella com a escada, visto que o scelerado ainda conseguiu cortar parte. Não poderá aguentar com Lico-Shen. E será com difficuldade que Loo-tu-ung ha de subir para a experimentar. Mas se Loo-tu-ung cair, Lico-Shen aparal-a-ha nos braços e, por isso, não deve ter medo.

A joven chineza recusava-se a ser a primeira a subir. Como havia receio de a escada rebentar com o peso do corpo de Lico Shen, deliberou-se que Sherlock Holmes tentasse subir primeiro.

Ia o criminalista começar a fazer essa tentativa, quando Shen-tschunh voltou a si e articulou alguns sons quasi imperceptiveis.

O criminalista, que tinha assistido á morte de muitos criminosos, sabia muito bem que aquelles sons inarticulados se transformariam em breve em palavras claras que permittiriam ao bandido fazer uma confissão completa.

Por isso, esperou.

Shen tschung, recuperando o uso dos sentidos e conhecendo que estava irremediavelmente perdido, lançou para os que o rodeavam um olhar de furor indescriptivel.

—Então o pobre Shen-tschung vae morrer?

Sherlock Holmes curvando-se para elle, replicou em tom grave:

—Não sou medico, mas creio que não viverá muito tempo. Se tem alguma coisa a dizer ou a ordenar, aconselho-o a não perder tempo e a falar sem demora.

—Então o pobre Shen-tschung ha de morrer e o patife de Tee ar-she e o tratante de Wilson hão de viver e divertir-se? Não póde ser! Se Shen-tschung morre, tombem os outros morrerão!

E, cheio de raiva, contou ao attento criminalista não só os terriveis sogredos da casa, mas tambem o mysterio d'uma sociedade de homens ricos, que se apoderavam de jovens para as violentarem.

Segundo as revelações do moribundo, esses facinoras quando se enfastiavam das suas victimas, faziam-nas adormecer profundamente por meio d'um poderoso narcotico, tão profundamente que só passado muito tempo despertam d'esse somno.

«Durante esse estado lethargico, de coisa alguma tinham consciencia e se acordavam alguma vez tornavam a adormecer.

Era a luz nas trevas e Sherlock Holmes encontrava ali a revelação de crimes nefandos que havia presupposto.

—Esses homens, continuou o moribundo, pouco tempo aqui estiveram, porque Tee-ar-she pôl-os logo na rua, ou antes, elles é que sairam, por que elle era curioso de mais e queria saber o que faziam das raparigas. Por isso abalaram d'aqui e foram para uma casa propria, pertencente a um dos associados.

—Como se chama elle? perguntou o criminalista com o maior interesse.

O moribundo respondeu, continuando em voz de momento a momento mais fraca:

—O pobre Shen-tschung não sabe. Sabe muita coisa mais, mas não tem tempo para as contar. Todavia See-ar-she e Wilson hão de morrer, assim como Lico-Shen! Lico-Shen é um criminoso ha muito tempo procurado e será denunciado. Tambem o seu patrão, lord Manesford, é um hrande criminoso que a policia procura ha muito.

«E lá em cima está outro criminoso: é Ley-ung-hoca. Pertence egualmente ao lord. Todos hão de morrer, visto que o pobre Shen tschung vae morrer.

«Ly-ung hoca tem falado muitas vezes durante o somno e Shen tsegung ouviu tudo. Shen tschung poderia falar d'outras pessoas, poderia contar muitas historias, porém vae morrer, assim como Tee-ar-che, Wilson e Lico-Shen.

«Assim como Shen Shen-tschung nada tem com

Lee-tu-ung, tambem Lico-Shen nada deve ter com ella...

Estas ultimas palavrrs foram pronunciadas em voz quasi imperceptivel; mas Sherlock Holmes que applicára o ouvido junto da bocca do moribundo, conseguiu ainda distinguil-as.

A revelação era completa. Caira n'um antro de facinoras de cujas infamias ninguem desconfiava. O fim que tivera em vista ao vir ali e que tantos perigos lhe acarretára fôra coroado do mais completo exito. Tinha vindo principalmente para encontrar os auxiliares do mysterioso lord Manesford e o caso facilitára-lhe a sua captura, pondo-os ao seu alcance.

—O patife morreu e urge que saiamos d'aqui! murmurou elle comsigo.

Voltando-se para Lico-Shen:

—Tem razão em receiar que a escada parta com o peso do seu corpo. Subirei eu primeiro, já que Lootu-ung não o quer fazer e assegurarei a saida d'aqui. Mais tarde lhe darei provas do meu reconhecimento pelo auxilio valioso na minha libertação.

Lico Shen nada respondeu. O criminalista subiu e chegou incolume ao pateo.

Dirigiu-se para a rua immediatamente e chamou um agente de policia que estava a poucos passos d'ali.

Um quarto d'hora depois, a casa estava cercada. Lico-Shen e Ly ung hoca foram reclamados pelo criminalista, não oppondo o inspector Gordon embaraço algum a que lhe fossem entregues.

Holmes dirigiu-se a casa do lord Manesford e aconselhou-o a fugir. Pagava-lhe assim a sua divida de gratidão.

E o criminalista e o seu discipulo Harry Taxon iam ter muito que fazer: encontrar a pista dos raptores de raparigas afim de impedir a continuação de crimes vergonhosos, de scenas de devassidão e orgia desenfreada que a policia não conhecia.

CAPITULO V

Harry Taxon criada de servir

Quando Sherlock Holmes tomou a peito descobrir os criminosos, cujas victimas se encontravam no hospital como que loucas, já se havia tornado publicos os casos da mysteriosa doença.

Tres das doentes tinham sido reconhecidas. As auctoridades sabiam quem ellas eram, d'onde procediam e onde tinham estado antes de terem desapparecido.

O grande criminalista tinha reddigido os autos ácerca das tres doentes e estudava-os com afinco. Quanto ás restantes, como nada se sabia, nada se podia fazer sem conhecer previamente a sua identidade.

Graças a esse aturado estudo, poude chegar a aclarar alguns pontos que tinham escapado por completo aos agentes da Scotland Yard, que os haviam julgado sem importancia.

Todas as tres raparigas tinham desapparecido ao irem fazer compras ao mercado, o que se tornava singular, porque demonstrava que os amos d'essas raparigas habitavam no mesmo bairro.

E circunstancia ainda mais singular: todas haviam desapparecido á mesma hora.

Com taes dados, começou Sherlock Holmes as suas investigações.

Teve uma demorada conversa com o seu ajudante em seguida ao que a sr.ª Bonnet, a governante do criminalista, foi chamada ao seu gabinete.

—Diga me cá, sr.ª Bonnet, poderá ensinar ao nosso Harry as voltas de cosinha?

A boa governante olhou attentamente para o amo e para Harry suppondo que queriam gracejar Só depois de vêr que no rosto do discipulo se reflectia a maior seriedade é que entendeu que a pergunta que lhe acabava de ser dirigida era a serio.

—Queira explicar claramente o que pretende de mim, sr. Holmes. Assim não entendo.

—O que quero? E' que Harry seja dentro de pouco tempo uma bôa creada de servir. Precisa d'umas explicações indispensaves, comprehende, sr.ª Bonnet? Harry quer dedicar-se ao serviço domestico e precisa saber o que ha de fazer.

A velhota lançou um novo olhar interrogativo para os dois. Nada notando de anormal, replicou:

—Admira-me immenso o que de mim pretende, mas se isso é necessario para a sua profissão, n'esse caso ..

—Certamente, sr.ª Bonnet, que é para isso. Parece-lhe a minha pretensão louca? Não se envergonhe em dizer que assim o suppõe. E' porém indispensavel que Harry se disfarce em creada de servir.

—Sim, sr.ª Bonnet, embora arrisque a vida, assim é preciso, o que, devo confessar, não me agrada muito, não pelos riscos que vou correr mas por ter de mudar de traje. Fazer de mulher...

—Está bem! replicou a governante. Farei da minha parte o possivel.

—Muito bem. E Harry prometteu-me empregar toda a sua habilidade em a incommodar o menos possivel.

—A sua habilidade!... A sua habilidade! resmungou a governante Para que me serve isso? Que se deixe de tolices e que me não pregue partidas, como de costume, senão nada lhe ensino!

E as lições começaram.

Dois dias depois, dizia a sr.ª Bonnet á sua fiel companheira, a sr.ª Querbbledown:

—Veja, minha amiga, como Harry se tornou em pouco tempo uma bella companheira, aprendendo admiravelmente os segredos da arte culinaria. Tive grande prazer em o ensinar. Revelei lhe o processo de fazêr um bife saboroso. Mas ao mesmo tempo alimentei uma vibora no seio. Se agora ameaçar o sr. Holmes de me ir embora, elle responder-me-ha que vá, porque já tem quem me substitua.

«Ainda hoje, elle me disse, apontando para o rapaz:

«—Elle prepara já bem um bife?»

«Fui tola, trinta vezes tola.

—Mas não vê, sr.ª Bonnet, que o sr. Holmes lhe zia isso a rir?

—A rir! a rir! Olhe, minha amiga, que os homens são todos o mesmo. Só nos apreciam emquanto precisam de nós.

Harry Taxon tomára gosto pelo ensino e desenvolvia a maior actividade. confrimando assim o que o criminalista dissera ao affirmar-lhe que elle tinha errado a vocação e que era á profissão de cosinheiro que devia ter-se dedicado, visto que em tão pouco tempo passára muito adeante da professora.

Quasi um mez depois da horrorosa noite passada em casa de Tee-ar-she—a espelunca dos fumadores de opio — uma elegante creada sahia de casa do criminalista, na rua Baker, para entrar ao serviço d'uma familia moradora em Wrterloobricke.

O discipulo de Sherlock Holmes ia perfeitamente disfarçado e do seu livro de matricula via se chamar-se Maria Bilson. Tinha apenas um attestado, mas a *creada* sentia-se tão orgulhosa com esse attestado como um rei no seu throno.

Com effeito, dizia-se n'elle que Maria Bilson era rapariga socegada, diligente e honestissima e que fôra com verdadeira pena que o criminalista a vira sair de sua casa.

Tal attestado deixára encantada a nova patrôa de Maria.

Talvez, porém, mudasse de opinião se soubesse que a creada tinha entrevistas, uma noite por outra, na rua.

E a rapariga ainda tinha outros senões. Era muito esquecida, de modo que nem sempre trazia do mercado todas as compras, pelo que tinha de lá voltar. E demorava-se immenso tempo, a olhar para tudo e para todos, só comprando aquillo de que necessitava á pressa e á ultima hora.

Em summa: malbaratava o tempo e divertia-se a seu modo. Quem a via andar entre a multidão, toda timida e receiosa, concluia logo que a rapariga tinha vindo havia pouco para Londres, onde se sentia pouco á vontade, mas ao mesmo tempo dominada por um desejo irreprimivel de tudo ver, de em todas as partes entrar.

Logo no primeiro dia, quando ella ia para casa foi seguida por um rapaz que a não perdeu de vista.

Nos dias seguintes, outros a seguiram.

Sherlock Holmes tinha ao seu serviço gaiatos dextros e habilissimos. Eram quatro que, conhecendo palmo a palmo todos os bairros de Londres, iam annunciar ao grande criminalista todos os passos que a falsa Maria dava.

Na segunda semana puderam informar o mestre de que uma mulher edosa e cuja apparencia era pouco recommendavel, tinha ido na colla de Maria, até esta entrar para casa da patrôa.

O facto fôra assignalado.

Sherlock Holmes, que pesava todas as circumstancias antes de pôr em pratica qualquer plano, tinha pensado e tornado a pensar no caso. Adivinhou o que a velha suppozera e que se resumia no seguinte:

—A rapariga deve ser do condado de Fife e veiu agora para Londres. Por emquanto' não tem aqui nem parentes, nem pessoas conhecidas que por ella se interessem.

Tratou de averiguar quem era essa velha e depressa o soube. Chamava-se Barking e estava, havia muitos annos, ao serviço d'um artista conhecido, d'um pintor cujos quadros eram o enlevo dos seus admiradores.

Taes informações não eram de molde a despertar as suspeitas do criminalista.

Mandou vigiar a casa d'esse pintor, introduziu-se até ahi furtivamente e passou-lhe minuciosa busca. Descobriu coisas realmente extraordinarias, como por exemplo, que apezar da casa ser bastante grande e poder albergar muita gente a creadagem não dormia lá.

Os creados, que não eram em grande numero, vinham de manhã e saiam á noite A unica excepção era a velha Barking, que tinha o seu quarto no segundo andar, um quarto elegantemente mobilado. A velha, ao que parecia, gostava de viver bem e regaladamente.

O artista, como o criminalista observou, quasi todas as semanas, dava recepção n'uma noite. Eram

poucos os convidados. os quaes vinham todos de carruagem e só saiam de madrugada.

Na visinhança dizia-se que em casa do pintor se faziam grandes bachanaes, o que era confirmado pela circumstancia dos creados ali não dormirem. Parecia que os que visitávam o artista não queriam ser vistos.

Os espiões de Holmes haviam no informado pouco a pouco, de que a sr.ª Barking que travára relações com a creada Maria, fingindo se muito sua amiga, a tinha levado para sua casa. E a rapariga não tornára a apparecer.

O fructo estava sazonado e ia poder ser colhido. Sherlock Holmes não se apressava. porém, apesar da sua curiosidade estar vivamente excitada.

Estava-se no dia da semana em que o pintor costumava receber os seus convidados.

O criminalista aguardava tranquillamente a noite. Convencera se de que Harry, apezar de estar nas mãos dos facinoras. não corria perigo, visto que os criminosos só costumavam anniquilar as suas victimas depois de satisfazerem os seus instinctos bestiaes.

Esse facto resaltava dos intervallos que mediavam entre o apparecimento das desgraçadas encontradas caidas na rua.

De resto, Harry sabia o que devia fazer, como se livrar de difficuldades, e estava bem armado.

Não havia receio de perigo immediato e seria melhor esperar que as coisas se desenvencilhassem de per si.

A preza era tão facil de escapar!

Tinha batido a meia noite.

A casa do celebre pintor ficava situada n'uma rua elegante e socegada, perto do parque de Battersea e, áquella hora, o socego nas circumvisinhanças era absoluto. Até os cavellos dos seis carros quo tinham parado á porta do pintor pareciam dormir.

Quanto aos cocheiros, esses sabiam perfeitamente que não sairiam d'ali antes do sol nascer.

As casas d'aquella rua eram todas separadas umas das outras por jardins magnificamente tratados e rodeados de grades de ferro.

Do parque de Battersea escoavam se silenciosa e precautamente alguns vultoo. Um homem alto, inclinando-se para os seus companheiros, murmurou quasi que imperceptivelmente:

—Conhecem bem as entradas. Esperem aqui e attenção para as carruagens. Um ou outro ha de ir adeante, antes que eu volte, e outro ha de accocorar se em baixo e acompanhar-me. Vou saber o ponto exacto onde ficam as carruagens. São oito homens, os carros são seis. Ficarão dois aqui e não abandonarão o seu posto, em caso algum, antes de eu voltar com Harry Taxon. Entendem?

—Sim, sr. Holmes. Póde ter a certeza de que nos encontrará firmes no nosso posto.

—Os oito homens desappareceram como se a terra os tivesse tragado. Tinham-se occultado com o edificio. e estavam alerta, esperando os acontecimentos.

Sherlock Holmes, deslisando ao longo das grades, dobrou a esquina proxima, dirigindo-se para outra rua, para onde deitavam as trazeiras da casa, achando se pouco depois junto do portão gradeado que, por esse lado, dava entrada para casa do sr. Dartfords. Era assim que se chamava o notavel pintor.

Ao habil criminalista, mercê das gazuas de que andava sempre munido, facil foi abrir esse portão.

Sem fazer o mais pequeno ruido, deslizou até á porta que era utilisada pela creadagem. Abriu a com a maior precaução.

Sherlock Holmes entrou em casa do artista.

CAPITULO VI

O Club dos Janotas

No primeiro andar do predio estavam reunidos sete homens, que ao primeiro olhar denotavam pertencer á alta sociedade.

Pareciam todos ter já transposto o cabo dos cincoenta annos e quatro eram já bastante edosos.

Na sala onde estavam nada havia de extraordinario á primeira vista. Todos elles envergavam camisas de dormir, de seda e da mesma côr.

Estavam em volta d'uma meza, coberta por um panno que descia até ao chão, e quando recuaram um pouco um espectaculo singular se offereceu ao olhar: sobre essa meza e virada de costas via-se uma rapariga immovel, cujos hombros e braços estavam cheios de pequenas picadas.

—Veja, querido Dartford, disse um dos presentes, se é certo ou não o que lhe tenho affirmado. Não vamos bem assim. A rapariga é muito fraca e só podemos utilisar-nos de mulheres de constituição robusta. Temos deante de nós a desagradavel perspectica de nos vêrmos obrigados a abandonar na rua mais uma doente.

Todos fiseram um signal de approvação, meneiando a cabeça, excepto o pintor, que retorquiu:

—Soceguem, meus senhores, pois não teremos tal

contratempo. Tenho já lá em baixo outra creatura, por isso não utilisaremos esta tão depressa. Estará algumas semanas a engordar e dar-se-lhe ha uma alimentação apropriada para se conseguir tal fim.

«Se ella se robustecer, poderá ser objecto d'uma nova tentativa.

—E' um verdadeiro artista, meu caro Dartford. Tem então já á mão um thesouro. Diga-me lá: onde apanha as raparigas?

—Meu caro mylord, não é tão facil como imagina. E se não fôsse Barking, que tem tão grande experiencia, difficilmente se poderia conseguir alguma coisa. Aquella de quem fallei custou a cair.

—Acredito friamente e todos nós agradecemos reconhecidos o trabalho que tem. Não é verdade, meus senhores?

A resposta foi um sim unanime e um signal de approvação ao orador.

Este, que era um dos mais velhos que ali estava, continuou:

—Ora diga-me, meu caro Dartford, tem confiança absoluta na sua confidente Barking? Não será arriscado conservar em casa dois *sujéts?* Se se der o caso de tornar a apparecer caida na rua uma rapariga, não será deveras perigoso e contra todas as regras de prudencia?

O artista replicou em tom de enfado:

—Não são precisas tantas palavras para nos vermos livres da rapariga. Não terá mais consequencias o apparecer mais uma ou menos uma adormecida. O que é necessario é resolver-se o modo de nos desfazermos das duas.

«Embora ellas sejam transportadas para fóra de casa, as coisas em nada mudarão. Dormem como todas as outras. Não pódem elaborar o minimo projecto.

—Ouça lá, sr. Dartford. Prometteu uma vez contar-me como procede com as raparigas para as adormecer, disse o velho que pouco antes falára expondo os seus receios.

—Estou ás suas ordens mylord.

Levantou-se, dirigiu se a um pequeno armario, d'onde tirou duas pequenas garrafas.

Voltou para junto dos seus convidados.

—Estas garrafas meus senhores, como vêem teem umas etiquetas, com os numaros 1 e 2. O conteúdo da primeira é o liquido que provoca o somno. Bastam duas gottas para immediatamente mergulharem quem as receber n'um torpor de que difficilmente sairá.

«Duas gottas do liquido da segunda garrafa bastam para a despertar. Mas cinco ou seis gottas da primeira adormecerão eternamente, qualquer individuo ficará irremediavelmente perdido, não lhe valendo sequer o conteúdo inteiro do contro-narcotico.

«Este precioso liquido foi me dado por um feiticeiro pertencente a uma tribu de indios Menominnees e tenho a certeza de ser o unico europeu que possue um tal elixir.

Dartford, dito isto, collocou as duas pequenas garrafas em cima d'uma meza.

—Mas o tempo passa, meus senhores, proseguiu elle, e se queremos continuar a gozar urge que comecemos sem demora. Sabem muito bem que os primeiros preparativos levam sempre muito tempo. Manda-se levar esta e trazer a outra para cima.

Depois dos terriveis monstros terem tirado os alfinetes do corpo da desgraçada, agarraram n'ella e sairam da sala.

Apenas a porta se fechára sobre elles, abria se outra de mansinho e entrava Holmes.

Sem perder tempo, o grande criminalista correu para as pequenas garrafas e pegou n'ellas. Procurando em torno, tirou duas outras eguaes de cima de um buffete, esvasiou o conteúdo n'uma taça e encheu-as com o mysterioso liquido.

Encheu as garrafas que tinham contido antes o liquido com agua e collocou as onde ellas estavam. Metteu as que agora o continham no bolso e preparou-se para sair da sala.

Dirigiu se pé ante pé para a porta, mas de subito sentiu se agarrado por de traz. Cambaleou e caiu sob o impulso d'um empurrão que lhe dera um animal que á primeira vista parecia um gato amarello, enorme listrado.

Era um leopardo que rugia, curvado sobre o criminalista e segurando-o com as patas potentes.

Dartford tinha-o trazido da India, onde o animal fôra domesticado para a caça e adextrado para se conservar quieto sobre um sophá ou um tapete, não se mexendo sequer quando alguem entrava na sala onde elle estava.

Porém quando esse algum ia sair, saltava furioso e não largava a preza. O proprio dono para ter a certeza de não ser atacado tinha de lhe dirigir primeiro a palavra antes de sair.

O leopardo soltou um rugido furioso.

Instantaneamente, a porta abriu se, apparecendo os que pouco antes haviam d'ali saido e que, n'um relance, comprehenderam a situação.

O criminalista foi reconhecido. Ouviu-se um grito de terror. Dartfo d, porém, socegou os, dizendo:

—Nada de receios, meus senhores. Todos conhecemos muito bem este cavalheiro e pela minha parte confesso que não sei como o sr. Holmes aqui poude entrar. Comtudo isso não tem importancia e o que vamos é tratar de o pôrmos em situação de não nos poder fazer mal.

«Que succederá se o grande criminalista cair tambem no somno do esqeucimento? Deve ser curioso.

—Sim, redargiu o velho que antes falára, e se assim não procedermos com certeza que se acabará o nosso goso.

Todos accordaram em que o criminalista devia ser submettido á operação.

Sherlock Holmes não podia oppôr a mais pequena resistencia. Seguro pela fera, que o espiava prompta a despedaçal-o a um signal do dono, tinha de se submetter.

Resignou-se a aguardar os acontecimento.

Apenas temia uma coisa: que o pintor desse pela substituição que elle havia feito das garrafas.

Felizmente, esses receios não se confirmaram.

Dartford dirigiu-se ao armario, tirou um estojo, d'este uma pequena seringa de Pravaz, que encheu com a agua contida na garrafa etiquetada com o numero 1 e, curvando-se sobre o criminalista, disse lhe:

—Duas gottas apenas se não quer morrer. Previno o para que esteja muito quieto, a fim da injecção produzir o effeito desejado. Se não proceder assim soffrer-lhe-ha as consequencias.

Dando uma ordem á fera em voz forte, o leopardo afastou-se, indo acocorar-se a um canto.

Em seguida, enterrando a ponta da agulha da seringa na pelle do criminalista, carregou por duas vezes.

Sherlock Holmes não sabia a que devia fazer. A sua fertil imaginação suggeriu lhe porém, o que lhe parecia mais conveniente. Ficou immovel, fechou pouco depois os olhos, fingindo ter adormecido, e começou a respirar alto.

—Vejam, meus senhores, como elle está. Nem mil medicos serão agora capazes de o acordar!

Sherlock Holmes respirava alto.

—Hein? E tinha elle a esperança de descobrir os nossos segredos! Pobre pateta, apesar de ter a fama de ser o primeiro criminalista do mundo!

—Meu caro Dartford, felicito-o. E' mais forte do que eu suppunha.

—Faz se o que se pode, mylord! disse o artista em tom de bonhomia.

—Levem me, pensou o criminalista ao sentir que o erguiam para o conduzirem para fóra, levem me e mostrem-me a sua toca. Os que lá fóra deixei virão atá aqui. Evidentemente, Harry ainda cá se encontra.

Poucos minutos depois, Holmes fôra conduzido para fóra da sala.

Quando o deixaram só e ouviu os passos afastarem-se, o criminalista fez funccionar a sua lanterna electrica.

O que viu não era de molde e incutir-lhe esperança no bom exito da empresa que tanto a peito tomára.

No local para onde o haviam conduzido viu que difficil, se não impossivel era ser soccorrido.

Era um compartimento amplo, cujo tecto, de aço, se assemelhava ao das casas fortes dos bancos onde se guardam valores avultados e papeis de importancia.

Não havia, pois, possibilidade de receber auxilio.

Todas as paredes eram revestidas de aço tambem e a entrada era pelo tecto.

Os faccinoras, ao retirarem se, tinham corrido esse tecto e retirado a escada por onde haviam descido. Não se via o mais pequeno objecto que pudesse servir para alcançar a entrada.

O grande criminalista não estava sósinho.

A um canto se via Harry, vestido de mulher, e n'outra extremidade uma rapariga. Mas tanto um como outra não podia auxilial o. Tinham lhes feito beber o narcotico e coisa alguma os podia despertar do torpor em que estavam mergulhados.

Apagando a lanterna, pousou-a a um canto e pôz-se pensar.

CAPILULO VII

Buscas inuteis

Na noite seguinte, pelas dez horas, um gaiato de Londres pedia, em Scotland Yard, para falar ao inspector Gordon, pois tinha disia elle a fazer-lhe uma importante communicação.

Introduzido no gabinete do funccionario policial, narrava lhe os acontecimentos da noite anterior.

Gordon, estupefacto, ouviu-o contar:

—O sr. Taxon, disfarçada em creada de servir, foi attrahido á tal casa pela velha Barking e ainda de lá não sahiu. O sr. Holmes penetrou a noite passada n'esse antro e tambem ainda não voltou. Os seis homens, cujas carruagens os esperavam junto da casa, só de manhã a abandonaram.

«Nenhum d'elles, posso affirmal-o categoricamente levou comsigo o sr. Holmes ou o sr. Taxon. Por isso ambos devem estar ainda ali dentro. Como o sr. Holmes nos ordenou, a mim e aos meus collegas, que

não abandonassemos o nosso posto junto do predio, temos ahi esperado a pé firme.

«Os que seguiram os carros já voltaram e estão perto de casa. Temol-a cercada, de modo que ninguem póde sair sem ser por nós visto.

E o gaiato concluiu:

—Escusado é tomar um aspecto carrancudo, sr. inspector. Não o teria vindo incommodar se se não tratasse do sr Shelock Holmes.

Gordon capacitou-se em breve de que tanto o mestre como o discipulo haviam realmente desapparecido.

Começou a reflectir profundamente.

O caso era de difficil resolução.

Procurava um pretexto para penetrar em casa do pintor Dartford.

Em Inglaterra não é coisa facil. Mesmo os agentes da policia criminal, segundo a lei ingleza, não teem a faculdade de penetrar no domicilio do cidadão sem autorisação d'este.

—A minha casa é a minha fortaleza, dizem por vezes os inglezes. E a lei dá-lhes razão para assim o affirmarem.

Finalmente, Gordon encontrou uma solução e fazendo-se acompauhar de tres dos seus agentes dirigiu-se para casa do celebre pintor, o qual o recebeu immediatamente, com a maior amabilidade.

—O que deseja, meu caro senhor? perguntou elle solicito.

—Participaram me que um gatuno se introduziu a noite passada em sua casa, sr. Dartford, e que ainda de cá não saiu. O agente que me deu tal informação é homem de confiança e difficil seria que se enganasse. Foi, pois, em seu proprio interesse, meu caro artista, que resolvi vir aqui.

O inspector julgou ter conseguido sem custo o que queria quando o pintor lhe pediu para passar uma busca minuciosa, promptificando-se até a acompanhal-o e guial-o.

Horas depois, Gordon e os seus homens saiam de casa do pintor, com ar despeitado.

Se o inspector apanhasse á mão n'esse momento, o gaiato que lhe fôra dar aquella informação, tel-o-hia feito passar um mau quarto de hora.

Nunca a Gordon havia succedido coisa tão ridicula. Tivera de pedir delicadamente desculpa ao pintor, pois nada de suspeito se encontrára, apesar da busca ter sido o mais minuciosa possivel.

—Parece-me, meu caro inspector, que os seus agentes não veem bem, Recebi a noite passada alguns convidados, a quem offereci um pequeno beberete. Era, portanto, impossivel que um ladrão se introduzisse em minha casa durante a noite!

Fôra assim que Dartford despedira o inspector de policia. E em que tom desdenhoso o fizera! Gordon engulira a affronta em secco, mas não tivera remedio senão sair de orelha murcha, como costuma dizer-se.

Dartford tentára fazer crêr aos agentes da auctoridade que era uma fabula a narrativa que lhes fôra feita.

Gordon, como dissemos, saira furioso, mas não convencido.

Sherlock Holmes e o seu discipulo tinham desapparecido. Era um facto innegavel.

A busca fôra infructifera. Mas o inspector pensava:

—O pintor, com a sua excessiva delicadeza, não me agrada mesmo nada. Deve ter notado que eu procurava em sua casa mais alguma coisa que um vulgar gatuno. Outro qualquer inglez ter-me-hia agarrado pela golla do casaco e posto no olho da rua.

«Mas elle teve com certeza razões especiaes para assim não proceder. Tem o que quer que seja a occultar, mas não receia ao mesmo tempo as minhas buscas.

«E' caso para pensar maduramente!

Decidiu não voltar n'essa tarde a casa do pintor, o que seria pouco prudente.

Quando a noite caiu sobre a cidade, envolvendo-a no seu manto de trevas, e Gordon não recebera ainda a minima informação do paradeiro do seu bom amigo Holmes, resolveu voltar de novo a casa de Dartford.

Não sabia bem o que ali o levava. Sentia, porém, um desejo irresistivel de tranquillisar o seu espirito.

—O sr. Dartford saiu, foi a resposta do creado, que acudiu ao toque de campainha.

O serviçal não poude informar o funccionario policial do sitio para onde o amo fôra.

Perguntando ao creado se na noite anterior tinha ouvido qualquer coisa de extraordinario, recebeu como resposta que era o proprio artista quem recebia os convidados, pois que a creadagem não penetrava ali e só entrava de manhã.

D'essa fórma, nem elle nem os seus collegas podiam saber o que quer que fôsse.

Gordon ficou admirado e surprezo de ouvir tal resposta. Atreveu-se a pedir ao serviçal que o deixasse de novo visitar a casa.

—Estou ás suas ordens, sr. inspector. Vou acompanhal o e creia que da melhor bôa vontade farei tudo o que me ordenar. Se alguma coisa aqui succedeu, nem eu, nem os meus companheiros temos culpa, pois, como já lhe disse, não dormimos aqui.

Gordon demorou se até altas horas em casa do pintor.

Compartimento algum ficou sem ser visitado, parede alguma deixou de ser sondada.

Tudo, porém, foi inutil.

Não conseguiu encontrar esconderijo algum onde pudessem ser encerrados dois homens.

Teve de se retirar como de manhã. A busca fôra infructifera.

Dirigiu-se a casa do criminalista.

Nem Sherlock Holmes nem Harry Taxon tinham apparecido.

CAPITULO VIII

As tocas vazias

Sherlock Holmes tinha-se sentado havia uma hora no subterraneo e pensava.

O objectivo do seu reflectir consistia no seguinte.

—Sem auxilio não posso subir até ao tecto. Tenho de tentar accordar Harry. Felizmente tenho commigo o meio de o conseguir.

Fez funccionar a lanterna electrica. A luz illuminou em cheio o subterraneo e o criminalista empregou os maiores esforços para arrancar os seus companheiros de captiveiro ao seu torpor.

Tirando uma lanceta do bolso, dirigiu-se para Harry e, curvando-se sobre elle, começou a sua operação. Fazendo uma incisão no braço do joven, deitou cinco gottas do liquido que estava na garrafa que tinha mettido no bolso na incisão, apertando-lhe a pelle com os dedos duraute algum tempo.

Apoz um quarto d'hora, applicou o mesmo medicamento á rapariga. Fazendo lhe uma incisão injectou-lhe o na pelle e esperou pelo resultado.

Decorreram horas e nenhum d'elles fazia o minimo movimento. Como Sherlock Holmes não tinha a certeza do bom resultado da tentativa. pousou a lanterna e sentou-se ao pé de Harry, para o soccorrer logo que elle despertasse.

Adormeceu. A natureza reclamava os seus direitos imperiosamente.

Quando accordou sentio uma sensação de frio invadil-o. E o seu primeiro movimento foi para a lanterna electrica. A luz illuminava por completo o compartimento.

Tudo estava como anteriormente. Os dois adormecidos continuavam mergulhados em profundo torpor.

Consultando o relogio, o criminalista viu com grande assombro que tinha dormido mais de oito horas. A noite tinha acabado e devia de ser manhã alta.

Nada de extraordinario se notava. A escuridão, logo que a lanterna electrica deixava de funccionar, era profunda. Felizmente o ar não faltava, nem era viciado.

Examinando o compartimento, Sherlock Holmes viu a um canto uma bilha. Bebeu uma golada e de novo pegou nal anterna para que se não detiriorasse.

Resolveu esperar até ao meio dia.

Se os dois adormecidos não dessem qualquer signal de despertar, renovaria a operação.

As horas corriam velozes e já por vezes o criminalista se erguera para pegar na lampada e fazer a nova applicação de gottas. Mas a sua força de vontade dominou esses impetos.

—Disse que esperava até ao meio dia e hei de esperar.

Censurou-se a si proprio por não ter podido reprimir o primeiro movimento.

Escutando attentamente se ouvia algum ruido, assim decorreu o tempo.

A tranquillidade sepulchral não era perturbada pelo minimo ruido.

Finalmente, os ponteiros do relogio marcaram o meio dia.

Então Holmes dispoz se a executar o seu plano.

A lanterna illuminou de novo o subterraneo. Pegou na lanceta e na garrafa.

Ficou aterrado ao olhar para o braço do seu ajudante. No ponto onde havia feito a incisão, a carne escaldava. Um leigo podia até vêr que, em vez de fazer bem, o remedio produzira um grande mal estar. O processo de que usára não produzira resultado, antes ao contrario.

Holmes dirigiu se, muito agitado, para a joven, que, como dissemos, estava a um canto.

Tambem n'ella se dera o mesmo phenomeno. O braço estava inchado no logar da incisão e em redor a carne escaldava.

O criminalista apagou a lanterna e pôz-se a reflectir. A tarde passou e a noite avisinhava-se a passos agigantados.

Sherlock Holmes não sentia nem fome nem sêde. Dava tratos á imaginação para descobrir o meio como o pintor Dartford se servia do remedio para fazer despertar aquelles que adormecêra.

—Como procedia o tratante? perguntava a si mesmo o criminalista. Far-lhes-ia ingerir o liquido ou era por meio de injecções que os adormecia?

Reflectiu, reflectiu, e era já noite cerráda quando tomou uma resolução

—Este liquido ha-de fazer accordar os que dormem, por força. Eu é que o não appliquei devidamente. Não foi inoculado, mas sim ingerido, e as gottas de antidoto devem chegar ao estomago para produzir effeito.

«O patife não explicou a maneira de o applicar, limitando-se a falar em cinco gottas.

A lucta que se travou no intimo do criminalista foi terrivel.

—E se eu me engano? Se em vez de lhes dar vida, eu os vou assassinar, dando-lhes liquido a beber? Deus vê bem a minha intenção e talvez a sorte me bafeje.

A sua força de vontade fez com que se tranquilizasse um tanto ou quanto.

Curvando se para Harry, abriu-lhe com a mão esquerda os labios, deitando-lhe na bôca cinco gottas do liquido fazendo com que elle as ingerisse.

Recuou de subito dando um grito de terror.

O corpo de Harry, como que galvanisado, endireitára-se apenas o liquido chegára ao estomago. E o desgraçado contorcia-se com dôres horriveis.

O espectaculo era harroroso e Sherlock Holmes, apezar de ter nervos d'aço, sentia-se angustiado. Teria sido o causador da morte do seu querido discipulo?

Harry Taxon parecia preza d'um ataque epileptico batendo desordenadamente com os braços e as pernas. A violencia do ataque ia, porém, abrandando pouco a pouco.

Difficil seria que o criminalista pudesse dizer quanto tempo passou junto de Harry, curvado sobre elle, espiando o menor dos seus movimentos.

De subito, soltou um grito de alegria. Harry abrira os olhos!

Não se enganára. O facto era verdadeiro e não uma illusão dos seus sentidos.

Os seus esforços haviam produzido effeito, mas a dóse fôra demasiada. Nunca ella tinha sido applicada em tal quantidade.

Harry começou a fallar. A principio eram apenas sons inarticulados, depois palavras claramente perceptiveis.

—Que queres, velho Satanaz?... Espera... Maldito, como chegou aqui este animal?... Sr. Holmes, sr. Holmes, soccorro!... Queres fazer-me mal com essa seringa... Julgas que me deixo injectar de morphina?... Chama essa besta... E's uma fera... Oh, maldito!

Estas palavras eram pronunciadas no meio d'um estertor.

Harry ia adormecer outra vez. Holmes curvou-se sobre elle e sacudiu-o com força.

—Harry, meu rapaz, ouves-me?

De repente, Harry abriu os olhos desmedidamente e, levando a mão á fronte, murmurou em voz debil:

—Como a gente sonha! Estava a imaginar que era uma creada de servir e...

Dando um pulo, olhou em redor, muito espantado exclamando:

—Mas não sonhei, não! Sou... Diga-me, sr. Holmes, como é que aqui está e onde nos encontramos?

O criminalista mal podia comprehender o que se passava. Abraçou demoradamente o discipulo, o que causou a este grande espanto, pois não estava habituado a taes expansões.

Depois, Sherlock Holmes contou-lhe o que se tinha passado.

—E crê possivel sairmos d'aqui?

—Sem duvida, visto que te tenho para me auxiliares. Vamos tambem despertar a rapariga que ali está. Descança, meu rapaz, que tudo ha de correr pelo melhor.

Taes palavras eram ditas apenas para restituir a coragem a Harry, pois o criminalista não sabia ainda como se libertaria.

O que se passára com Taxon deu-se exactamente com a joven quando o liquido lhe chegou ao estomago. As mesmas convulsões, a mesma prostração, e em voz balbuciante:

—Sim, minha querida Barking, estou reconhecida á sua bondade e irei visital-a domingo.. Agora vou para casa... A patrôa vae ralhar-me... Por amôr de Deus, que animal é este?... Soccorro, soccorro... Sr.ª Barking, que quer isto dizer?... Ai, que me pica!... Deus omnipotente, que é isto? Soccorro?...

Os gritos foram enfraquecendo e, d'ahi a momentos, ella ia a adormecer. Holmes, porém, despertou-a.

E, depois de a informar do succedido, o criminalista accrescentou:

—Não ha tempo para contos largos. Devemos tratar de sair d'aqui o mais depressa possivel, o que só se poderá conseguir se eu chegar ao tecto.

«Harry não sabe haver-se tão bem como eu e, além d'isso, está fraco. Hão de sustentar-me, a fim d'eu lá chegar.

Foi d'uma difficuldade enormissima. Mas o amôr á vida tudo venceu. Apoz inauditos esforços, Sherlock Holmes conseguiu fazer correr o tecto.

E em breve todos se encontravam salvos da maldita camara de aço, onde pareciam destinados a uma morte certa.

Percorreram, tomando todas as precauções, a casa toda.

Ninguem.

A toca estava vasia. O passaro tinha voado.

Pouco depois, Holmes, acompanhado de Harry e da rapariga que tinha salvo encontrava-se na rua, em pleno ar livre e recebendo com uma delicia inenarravel a luz do sol.

Ao dirigir-se para uma das arterias principaes da cidade, saiu-lhe ao encontro um rapazola.

—O sr. Holmes! Bem calculava eu que estava ainda na maldita casa! E o sr. Gordon era da mesma opinião.

O rapaz que assim se dirigia ao criminalista era Dilley, o chefe da brigada escolhida pelo criminalista.

E contou o que Gordon tinha feito, as buscas que havia dado e que haviam sido infructiferas.

—E os carros, Dilley, foram seguidos?

—Sim, sr. Holmes, mas ha grandes novidades. Logo que o inspector Gordon passou a primeira busca em casa do pintor, este preparou as malas e pôz-se ao fresco. Não o fez, porém, sem informar todos os que o visitavam do que se passava e todos se safaram de Londres.

«Eu lhe indicarei onde moravam todos esses cavalheiros, a maior parte d'elles dos mais altos lords. Não ha meio, assim, de os apanhar e o inspector Gordon ameaçou-me de me cortar as orelhas se eu tornasse a pôr os pés em Scotland Yard.

«Diz elle que se eu o avisasse quando elles ainda estavam em casa do pintor tinha conseguido apanhal-os todos d'uma assentada. Parece-me que não tem razão para fallar. Os senhores de Scotland Yard querem sempre passar por mais finos que os outros, mas *tó caroch*o. Ainda hão de suar para chegar aos calcanhares do sr. Holmes.

E o gaiato soltou uma gargalhada zombeteira.

*

Dilley tinha razão.

As tocas estavam vazias.

Dartford, aterrado pela visita do inspector de policia, avisára os seus cumplices e todos tinham fugido.

Até a velha governante Barking lhes seguira o exemplo.

Parecia assim deverem ficar impunes os hediondos crimes commettidos contra tantas desgraçadas jovens.

Mas quem assim pensasse, por certo não conhecia Sherlock Holmes.

Os doentes recolhidos no hospital tinham-se, mercê da intervenção do criminalista, visto livres do torpor em que jaziam mergulhados, mas não poderam recuperar o uso da razão. Cairam n'uma idiotia, ora aggravada, ora melhorada, por intermittencias.

Harry Taxon e a rapariga que havia sido salva, a irlandeza, deviam-o ter readquirido a razão ao rapido emprego do antidoto.

O somno continuo anniquillava as pobres victimas e roubava-lhes o uso da razão.

Sherlock Holmes jurára de si para comsigo que havia de caçar os faccinoras.

Quem o conhecia bem, não ignorava que elle não descançaria emquanto não conseguisse o seu fim.

No proprio dia em que o chinez Tee-ar-she e o notario Wilson eram enforcados na prisão de Tylburn, Sherlock Holmes, acompanhado pelo seu ajudante, sahia de Londres.

FIM

Ler no proximo numero:

O JOGO DA VIDA

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

O REI DOS MARES

AVENTURAS DO CAPITAO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos

Publicação quinzenal in 8.° grande com capa artistica a 3 côres

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu. Viveu e perdurou na tradição como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios lançou mão do aventureiro e da época em que assombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heroes indomaveis que se tornaram temidos com os nomes successivos de **Boucaneiros e Flibusteiros.**

Volumes publicados

1 O thesouro da ilha
2 O segredo do pirata
3 O marinheiro mysterioso
4 O enigma da ilha do Coral.
5 O navio negro
6 Os dois capitães de piratas
7 Inimigos figadaes
8 Expedição para a morte
9 A nau do diabo
10 A cidadella dos piratas
11 O primeiro encontro
12 O naufragio de Morgan
13 Astucias de piratas
14 O terror dos mares
15 O thesouro fluctuante
16 A heroina de Puna
17 O caçador de escravos
18 Nos mares da China
19 Um thesouro no fundo do mares
20 A conquista do diadema
21 Entre os antropophagos
22 No paiz dos celestes
23 O testamento do caçador
24 A jaula de ferro
25 Na fogueira do Rajah
26 Os piratas das ilhas Soulou
27 O fallo inquisidor
28 A mulher-pirata
29 A revolta dos flibusteiros
30 Nas costas de Inglaterra
31 O corsario mysterioso
32 O rei da flibusta.
33 A filha do governador
34 Nos mares australianos
35 No polo austral
36 O phantasma de bôrdo
37 A princeza captiva
38 O templo das serpentes
39 Os prisioneiros de cambair.
40 O palacio da morte

As novellas em que relataremos as aventuras do CAPITÃO MORGAN serão publicadas em numeros quinzenaes

Cada numero contendo uma obra completa 50 réis A publicação mais barata de Portugal

100 maneiras de nos defendermos na rua sem armas.

100 maneiras de nos defendermos na rua com armas.

100 experiencias recreativas e curiosas.

100 experiencias mathematicas.

100 experiencias chimicas.

Cada volume brochado e illustrado 200 reis

Collecção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias extrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatuno da alta roda, *por Maurice Leblanc (Esg.)*. 2. O Homem Mysterioso, *Guy de Téramond*. 3. O tumulo de gelo, *Pierre Giffard*. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, *Maurice Leblanc*. 5. Um grito na treva, *Golsworthy*. 6. O Prisioneiro de Marte, *G. Le Rouge*. 7. O Club dos Ladrões, *Henry A. Hering*. 8. A Agulha ôca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) *M. Leblanc*. 9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*. 10 A Virgem Vermelha, *Pierre Giffard* 11. O Canhão do somno, *Paul d'Ivoi* 12. Qual dos tres? *grande romance policial, A. Q. Green*. 13. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*. 14. O Pirata de Ferro, *Max Pemberton*. 15. As tres gatunas, *sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi*. 16. Kowa, a mysteriosa *por Ch. Foley*. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin). *por M. Leblanc*. 18. Em Férias. *por Henri de Régnier*. 19. O Palacio submarino, *por Max Pemberton* 20. Um crime tenebroso, *por A. Galopin* 21. A sombra mysteriosa, *por Fergus Hume*. 22. O Sonho, *por E. Zola*. 23. Os dez olhos d'oiro, *por P. d'Ivoi*. 24. Um gatuno de casaca, *por E. W. Hornung*.

350 RS. Cada vol. in-4°, contendo a materia de um grosso vol. in-8°, de 300 ○○○ RS. 350

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

CADA VOLUME CONTEM 14:00 LINHAS DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados.

O homem das multidões, *de Pierre Zaccone.*
O casamento d'um forçado, *de A. Bouvier.*
A aposta maldita, *por Jules de Gastyne.*
Os Facas d'Oiro, *por Paulo Féval.*
As filhas do povo, *por Alexis Bouvier.*
O filho dos boers, *por Rider Hagart.*
Duvida fatal, *por Marcello Prévost.*
O segredo da desconhecida, *por J. Gastyne.*
Fausto, *por Raoul Verneiul.*

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 REIS OS BONS ROMANCES Publicação mensal de grande formato um bom romance completo

LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Terminada a publicação da primeira série do LIVRO POPULAR, iniciamos a segunda, sensivelmente melhorada, com a formosissima obra de Alexandre Dumas, filho

DIANA DE LYS

Cada volume da nova série do LIVRO POPULAR, além das modificações que julgámos dever introduzir-lhe, está resguardado por elegante **capa artistica a tres côres,** continuando a manter-se o preço de

100 réis = Cada volume = réis 100

MEMORIAS DE SÄR DUBNOTAL

O REI DOS PSYCHOGOGOS

E' uma nova sciencia a sciencia do INVISIVEL, que abraça o conjuncto dos conhecime psycho physiologicos, os phenomenos do

Somnanbulismo	**Telepsychia**	**Suggestão**	**Magnetismo**
Levitação	**Telepathia**	**Hypnotismo**	**Auto-suggestão**

LEIAM AS MEMORIAS DE SAR DUBNOTAL

que profunda todos estes mysterios.

Lel'os é penetrar nos dominios do Sobrenatural, é s multaneamente recrear o espirito e adquirir conhecimentos scientificos.

Breve estará á venda o primeiro episodio d'esta série de novellas, que serão **absolutamente independentes uns dos outros, resguardados por uma elegante capa chromotypographica ao preço de**

100 réis - Cada volume - réis 100

Recebem-se desde já pedidos e assignaturas.

NO PRELO:

O futuro desvendado pelas cartas